

O número 1 do volume 17 de 2009, da *REF – Revista Estudos Feministas*, marca a saída da Prof.^ª Dr.^ª Cristina Scheibe Wolff da Coordenação Editorial da Revista. Agradecemos à Cristina os três anos de dedicação (nove números organizados em três volumes) e o trabalho competente que realizou. Este trabalho, inicialmente, foi acompanhado pela Prof.^ª Dr.^ª Simone Pereira Schmidt (três números) e pela Prof.^ª Dr.^ª Sônia Weidner Maluf (seis números) e, desde o último número de 2007 até o número 2 de 2008, pela Prof.^ª Dr.^ª Luzinete Simões Minella. Felizmente, Cristina e Luzinete continuam a compor a Editoria de Artigos da Revista, realizando ali, junto às demais editoras, o trabalho voluntário que tem garantido a sobrevivência da publicação.¹

Nos últimos anos a *REF* tem enfrentado sérios problemas de manutenção financeira. Os recursos do CNPq não foram ampliados, apesar de a Revista publicar três números por ano e, portanto, ter muito mais despesas. Além disso, a disponibilidade no site da UFSC (<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref>) e no site da Scielo (<http://www.scielo.br>) tem reduzido o número de pessoas que querem ter a assinatura da revista impressa ou comprar números avulsos. Essa disponibilidade na Internet certamente tem mudado a prática de leitura² das pessoas, que por muito tempo foi feita sobre o texto impresso, segurando o livro ou a revista com as mãos, marcando as páginas, e que agora parece se tornar cada vez mais virtual, feita na frente do computador. Isso deveria ser algo a festejar, afinal o crescimento do número de acessos da Revista no portal da Scielo é impressionante: entre 2002 e 2007, portanto num período de cinco anos, o número de acessos aos artigos da *REF* somou 935.666; já entre junho de 2007 e junho de 2009, em dois anos, houve 807.800 acessos. Talvez a *Revista Estudos Feministas* deva começar a pensar em reduzir o número de exemplares impressos que publica – no momento são publicados 1.000 exemplares –, para reduzir seus custos.

Este número que ora apresentamos traz vários artigos centrados nas questões de corpo e sexualidade. Tais artigos

Copyright © 2009 by Revista Estudos Feministas.

¹ PEDRO, Joana Maria. "Militância feminista e academia: sobrevivência e trabalho voluntário". *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 87-95, 2008.

² CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François (Orgs). *Práticas da leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

são oriundos da submissão individual de pesquisadoras/es brasileiras/os e estrangeiras/os, que tiveram seus textos avaliados por nosso corpo de pareceristas internacional. A presença de artigos que focalizam temas ligados ao corpo tem sido uma constante na história da *Revista Estudos Feministas*, questão esta já constatada por pesquisadoras que analisaram a Revista em 2004: dos artigos publicados até então, 25% discutiam saúde, reprodução e sexualidade.³ Convém lembrar que o próprio feminismo de “segunda onda” teve esta característica, colocar em discussão o corpo, o prazer, a sexualidade e a reprodução.

No primeiro artigo deste número da Revista, “Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes”, Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato descreve os resultados de pesquisa empírica que realizou sobre o tema, com professores que desenvolvem projetos de orientação sexual em escolas do Rio de Janeiro, nos Núcleos de Adolescentes Multiplicadores. O autor se detém na análise da coerência das ações das professoras (a maioria dos docentes que trabalham com este tema transversal da educação escolar), em suas orientações com adolescentes nas escolas e no tratamento com os/as próprios/as filhos/as, em relação aos ideais igualitários de gênero. Segundo a pesquisa, dificuldades permeavam as práticas das professoras entrevistadas, especialmente com os filhos homens, evidenciando tensões entre concepções igualitárias e tradicionais de masculinidades e feminilidades.

Discutindo “Políticas públicas de saúde da mulher: a integralidade em questão”, Patricia Flores de Medeiros e Neuza M. F. Guareschi circunscrevem a discussão sobre políticas de saúde voltadas para as mulheres a partir de um texto que aparece no site da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul.

Outra discussão sobre saúde e corpo é o que faz Waleska de Araújo Aureliano, com o artigo “... e Deus criou a mulher”: reconstruindo o corpo feminino na experiência do câncer de mama”. A autora focaliza as reelaborações da representação do corpo feminino feitas por mulheres que passaram pela experiência da mastectomia devido ao câncer de mama.

As representações do corpo masculino, por sua vez, é o que discutem Mauro Brigeiro e Ivía Maksud ao analisar os simbolismos e as estratégias discursivas utilizadas pelos jornais na apresentação do Viagra, no artigo “Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia”.

As questões do corpo são ainda o tema que Fabíola Rohden apresenta ao tematizar a medicalização do corpo,

³ DINIZ, Débora; FOLTRAN, Paula. “Gênero e feminismo no Brasil”. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, n. especial, p. 245-253, 2004.

especialmente da sexualidade, na produção da categoria e do diagnóstico de “disfunção sexual”, tanto a masculina quanto a feminina, no artigo “Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais”.

O texto de Victor Andrade de Melo e André Maia Schetino foge um pouco à maioria dos artigos deste número. Em “A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX”, discutem como o uso da bicicleta pelas mulheres foi alvo de preocupações na virada do século XIX para o XX no Rio de Janeiro, proporcionando um debate que articulou movimento sufragista e atividades públicas de lazer.

Concluindo a Seção de Artigos, o texto de John Cowart Dawsey “História noturna de Nossa Senhora do Risca-Faca” traz narrativas que articulam índias, escravas e uma boia-fria que “fez picadinho de um homem”, tudo isso tendo como pano de fundo as histórias de Nossa Senhora.

Na Seção Ensaio comparece o texto “Estudos de gênero e história social”, de Carla Bassanezi Pinsky. A literatura que discute relações de gênero, neste ensaio, dialoga com a história social e faz uma crítica à abordagem do gênero a partir do pós-estruturalismo.

Na Seção Ponto de Vista, temos a entrevista com Eulalia Pérez Sedeño, catedrática de Lógica e Filosofia da Ciência e pesquisadora no Departamento de Ciência, Tecnologia e Sociedade do Instituto de Filosofia do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) – Espanha. A entrevista foi realizada por Cristina Tavares da Costa Rocha e Miriam Pillar Grossi e narra a trajetória de pesquisa e envolvimento com o feminismo desta pesquisadora espanhola.

A Seção Debates é construída a partir do artigo de Clare Hemmings “Contando estórias feministas”, que inspira as reflexões de Liane Schneider, Márcia Hoppe Navarro e da própria editora de Debates, Cláudia de Lima Costa. Esta, em sua introdução intitulada “Histórias/estórias entrelaçadas do(s) feminismos(s)”, situa o texto de Hemmings nos cenários que se abrem para a análise da circulação de conhecimentos no processo atual de transnacionalização da cultura e da produção acadêmica, com a complexificação dos mapas de deslocamentos dos fluxos de informações, conhecimentos, ideias e imagens. Ressalta como uma das observações mais instigantes do artigo de Hemmings o fato de a autora mostrar que as narrativas sobre o percurso do feminismo ocidental solapam a construção dessa história linear e teleológica, contada insistentemente como uma narrativa única.

No artigo em debate, Clare Hemmings analisa as estórias dominantes sobre a segunda onda do feminismo ocidental narradas por acadêmicos/as. Pesquisando a produção recente de publicações interdisciplinares feministas e de teoria cultural,

a autora critica a narrativa insistente do desenvolvimento do pensamento feminista no sentido de uma marcha incansável de progresso ou perda, a despeito da retórica também insistente sobre os múltiplos feminismos. Heminngs questiona as técnicas que sustentam esta narrativa hegemônica, enfocando padrões de citações e recortes discursivos, em seus efeitos textuais, teóricos e políticos. Finaliza propondo um realinhamento das principais teóricas feministas, aquelas que efetuaram rupturas críticas no campo, com seus traços feministas no uso das citações, levando a um reimaginar do legado do feminismo e do lugar das feministas nele.

Liane Schneider discute as teses de Clare Heminngs, buscando ecos da história que esta apresenta sobre o feminismo ocidental na circulação de textos feministas considerados fundamentais para a estruturação teórica da área. Ressalta a influência de alguns textos na consolidação do feminismo contemporâneo, especialmente os afinados à perspectiva pós-estruturalista, e usa exemplos da crítica literária para corroborar suas discordâncias ou concordâncias com os argumentos da autora.

Ao finalizar este debate, Márcia Hoppe Navarro faz uma comparação entre o texto de Heminngs e o livro da jornalista Natasha Walter, *The New Feminism*. Evidenciando as diferenças na elaboração acadêmica dos escritos de Heminngs e na linguagem popular utilizada por Walter, Navarro defende, ainda, a coincidência do pensamento das duas autoras, no que diz respeito aos rumos do feminismo na atualidade.

E na Seção de Resenhas, livros que discutem relações de gênero, feminismo, família, corpo, publicados entre 2006 e 2008, são apresentados. Refletem a fertilidade do campo de estudos feministas e das relações de gênero.

Mara Coelho de Souza Lago e Joana Maria Pedro